

Cabral vive: A permanência do discurso de Amílcar Cabral na literatura da Guiné-Bissau

Erica Cristina Bispo¹

Resumo

O discurso e as ideias de Amílcar Cabral permanecem no cotidiano e no imaginário do cidadão guineense, em especial na literatura. A literatura guineense está cheia de referências a ele, tanto na poesia, quanto na ficção. Este texto tem como objetivo investigar como as ideias de Cabral se revelam na literatura. Parte-se do discurso proferido no Seminário de Quadros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1969; da antologia *Mantenhas para quem luta!* (1977) e da produção dos seguintes escritores: Abdulai Sila, Tony Tcheka, Félix Sigá, Odete Semedo, Rui Jorge Semedo.

Palavras-chave Amílcar Cabral; literatura guineense; intertextualidade; PAIGC; história.

Manuscrito submetido a 21 de julho de 2020
Aceite a 18 de outubro de 2020
Publicado online a 29 de dezembro de 2020



Política de Privacidade
CC-BY-NC | Open Access
Creative Commons

¹ Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Pinheiral, Brasil | bispoerica@gmail.com

Cabral ka muri: Kombersa di Amilcar Cabral tarda na mati na literatura di Guine-Bisau²

Erica Cristina Bispo

Rusumu

Kombersa di Amilcar Cabral tarda ku ta mati na tudu dia di fidju di Guiné. Amilcar ta mati tan na ke ku kada kin ta imajina, i mas inda na storia ku tchiga di skirbidu. Literatura guinensi intchi kun ku si nomi, tantu na puezia, suma na storia ku inventadu. Es testu misti konta kuma ki manera di pensa di Cabral ta sta dentru di literatura. Nton, pa fasi es piskiza, no kunsu pa kombersa ku Cabral papia na *Seminário de Quadros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde* (PAIGC), na 1969. No bai tan na antulujia *Mantenas para quem luta!* (1977) ku utrus ku skirbidu pa Abdulai Sila, Tony Tcheka, Félix Sigá, Odete Semedo, Rui Jorge Semedo.

Nomi-tchabi

Amílcar Cabral; literatura guinensi; *intertextualidade*; PAIGC; storia.

² Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

Introdução

Mesmo depois de quatro décadas, a voz de Amílcar Cabral, líder revolucionário da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, continua a ecoar na memória, nas artes, na música, nas obras literárias dos dois países. A evocação à luta, o convite à construção de um novo mundo e o combate às opressões emergem requerendo o ideário oferecido e explicando os descompassos do presente por meio das artes.

Uma plêiade de escritores guineenses continua a ser influenciada por Cabral. Dessa forma, sua imagem, bem como seus ideais permanecem no processo de criação literária. Acreditamos que a literatura é “o espelho da sociedade em que se desenvolve” (Augel, 1998, p. 19), logo a arte emergente do solo guineense traz em si as marcas da luta pela independência, das dificuldades da contemporaneidade, dos desmandos dos governantes e das decepções da população.

Neste texto, nosso intento é investigar diálogos e recorrências do discurso cabralino em alguns autores guineenses, dentre os quais Abdulai Sila, em especial seu romance *Eterna Paixão* (1994/2002), Odete Semedo, com as obras poéticas *No Fundo do Canto* (2007)³ e *Entre o Ser e o Amar* (1996), Tony Tcheka, em seus livros de poesia *Noites de Insônia na Terra Adormecida* (1996) e *Guiné, Sabura que Dói* (2008), Félix Sigá com o livro *Arqueólogo da Calçada* (1996) e Rui Jorge Semedo, em *Sem Intenção* (2013). Para tanto, usaremos métodos de análise do texto literário e o conceito de intertextualidade. Vale ressaltar que não é nossa preocupação a reflexão apurada dos impactos e críticas ao discurso de Cabral, tampouco nos propomos a um tratado histórico ou político, uma vez que nosso *corpus*, bem como nossa pesquisa encontram-se no âmbito da literatura comparada.

Para efetuarmos as análises, partiremos de duas das ideias basilares de Amílcar Cabral, apresentadas durante o Seminário de Quadros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) – evento de formação política do partido –, ocorrido de 19 a 24 de novembro de 1969, a saber: “Unidade e luta” e “Partir da realidade da nossa terra. Ser realistas”. Esses dois princípios são parte de um conjunto de nove exposições pronunciadas em crioulo durante o evento de formação política do PAIGC. Usamos para esse texto a edição publicada em 2013 pela Fundação Amílcar Cabral.

Levantamos a hipótese de que Amílcar Cabral se presentifica na literatura ora por meio de personagens que reproduzem sua fala, ora por denúncias de desencontros entre o que fora propalado ao longo da luta pela independência e a realidade, ora em homenagens diretas. A antologia poética *Mantêhas para Quem Luta!* (1977),

³ O livro *No Fundo do Canto* foi publicado pela primeira vez em 2003, em Viana do Castelo. Ao longo deste texto utilizaremos a edição brasileira, publicada em 2007.

lançada em celebração à independência⁴, contém uma série de textos que apontam para a homenagem a Cabral, como se pode observar no poema “Camarada Amílcar”, de Agnelo Regalla, que abre a coletânea:

As flores da nossa luta
Que tu com carinho plantaste,
Estão a desabrochar
Em gargalhadas infantis.
E descansa, camarada Amílcar,
Descansa que não secarão.
Serão sempre regadas
Com o nosso suor e sangue,
Serão sempre alimentadas
Pela força da nossa vontade.
(Regalla, como citado em Conselho Nacional de Cultura, 1977, p. 9)

A referência à obra de Amílcar Cabral não é um caso isolado. Contudo, da mesma forma que as lideranças guineenses pós-morte de Cabral, por vezes, não regaram as flores da luta, não lhes permitindo, portanto, “desabrochar / em gargalhadas infantis”, o texto literário também evidenciará as vezes em que, em vez de ser cultivado, o discurso foi pisado, excluído e distorcido.

Se, como afirmava Cabral, a tragédia do pensamento africano tem a ver com a ausência de ideologia (Cabral, como citado em Lopes, 2002, p. 192), uma parte significativa da produção literária guineense cumpre a função social da literatura na medida em que se ideologiza e se politiza. Dessa forma, o espaço literário assume, em certo grau, um lugar de resistência e luta.

Para realizarmos tal análise partimos do conceito de intertextualidade, cunhado por Julia Kristeva (2012), a partir das reflexões e desdobramentos da discussão sobre dialogismo e polifonia, promovido por Mikhail Bakhtin (2010). Kristeva se vale da premissa de que “no espaço de um texto, vários enunciados, tomados de outros textos, se cruzam e se neutralizam” (Kristeva, 2012, p. 110). Dessa forma, se materializa metaforicamente a etimologia da palavra “texto”, cuja raiz encontra-se com a do vocábulo “tecido”. O dado do real representado pela palavra “tecido” é formado pelo emaranhado de fios que se entretecem. De modo análogo, o significante “texto” encontra seu significado no emaranhado de palavras e outros textos que o antecede-

⁴ A independência da Guiné-Bissau foi proclamada unilateralmente em 24 de setembro de 1973, nove meses após o assassinato de Amílcar Cabral, em 20 de janeiro do mesmo ano.

ram, seja em razão da pressuposição da coletividade, quanto ao uso da linguagem; seja em função das memórias que subjazem o discurso ora enunciado.

No âmbito literário, a ideia de discursos anteriores que se presentificam no novo texto que emerge é, hoje, tomado como fato. Nas palavras de Graça Paulino,

toda literatura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos. Essa associação é livre e independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura. (Paulino *et al.*, 1998, p. 54)

Paulino concorda com Kristeva, para quem:

A ‘palavra literária’ não é um *ponto* (um sentido fixo), mas um cruzamento de *superfícies* textuais, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do destinatário (ou da personagem), do contexto cultural atual ou anterior. [...]

O estatuto da palavra define-se, então, (a) *horizontalmente*: a palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário, e (b) *verticalmente*: a palavra no texto está orientada para o *corpus* literário anterior e sincrônico. (Kristeva, 2012, pp. 140-141)

Tanto Kristeva quanto Paulino apontam para a característica da obra literária de se tornar única para cada leitor, na medida em que, de acordo com as próprias vivências e leituras, o receptor do texto entende e associa a obra de modo novo e individual. Desta feita, nossa compreensão acerca dos escritores que pretendemos abordar nesse texto é a de que o leitor exógeno faz uma leitura da produção guineense muito diferente da realizada pelo nativo. Sendo assim, a compreensão não só da cosmovisão local, mas também do discurso político de Amílcar Cabral colaboram para lançar luz sobre a produção literária da Guiné-Bissau.

Tiphane Samoyault (2008) ensina que uma série de imprecisões conceituais envolvem o termo intertextualidade, uma vez que o conceito é tomado tanto como um instrumento estilístico, quanto uma noção poética. Para este texto, usamos intertextualidade na primeira concepção, “designando o mosaico de sentidos e de discursos anteriores, produzido por todos os enunciados” (Samoyault, 2008, p. 13). Tal conceito é chamado por Tiphane Samoyault de “intertextualidade aberta” e assim definido:

A *intertextualidade aberta* permite ver nos textos, além de seus próprios caracteres, signos do mundo: sem serem diretamente referenciais, estes remetem ao mundo como generalidade, à história, ao social. [...] Na formação do enunciado literário, é possível ouvir vozes que vêm de outro lugar, ecos indiretos que permitem idealmente remontar ao enunciado referencial. (Samoyault, 2008, p. 113)

Nesse viés, compreendemos que, como a literatura de qualquer país, a obra literária guineense reflete o seu povo, partindo de suas próprias relações com o real, sua história, suas crenças e heranças. Entendendo que Amílcar Cabral é a principal figura histórica do país, bem como seu principal herói, seu discurso não só impregna o imaginário da população, mas também se faz presente na literatura.

Antes de debatermos cada um dos princípios que pretendemos abordar, far-se-á um breve comentário sobre o lugar da literatura no contexto guineense e seu papel na formação político-ideológica da população, com o fito de compreendermos o contexto de produção dos escritores selecionados para esse texto.

O processo de construção da luta anticolonial no território que hoje é a Guiné-Bissau enfrentou uma série de questões, dentre as quais a formação de uma ideologia e de um pensamento que rejeitassem o modelo colonial. Em Angola e Moçambique, por exemplo, periódicos como *Mensagem* e *O Brado Africano*, respectivamente, exerceram papel fulcral na veiculação das cores locais por meio das artes, revelando uma geração de escritores e artistas nacionais com forte discurso anticolonial. Tal fenômeno não encontra par na realidade da Guiné-Bissau, uma vez que o uso da língua portuguesa e do registro escrito encontravam barreiras derivadas de demandas sociais, tais como a tardia implementação de liceus ou a escassez de gráficas, por exemplo.

Entretanto, a problematização dos modos de subjugação, bem como a denúncia das péssimas condições relegadas aos nativos foram amplamente debatidas não só no espaço político, mas, em especial, por meio da música popular em crioulo guineense. Nesse contexto, destaca-se o grupo Cobia e o cantor e compositor José Carlos Schwarz, famosos até hoje na Guiné-Bissau. De acordo com Moema Augel,

O conteúdo das canções do Cobia, a mensagem que transmitia empolgava as pessoas, levando-as a identificarem-se com a nova situação: primeiramente incitando sobretudo a juventude contra o regime dominador e depois divulgando a mensagem do Partido, que era transmitida através do Cobia.

A ação de José Carlos e do Cobia não é um fenômeno isolado. A música urbana, praticada por conjuntos modernos, assumiu um grande papel como instrumento de resistência nas lutas anticoloniais em toda a África. (Augel, 1998, p. 219)

Apesar da constante presença dos ideais de Amílcar Cabral na música popular, nos é um desafio analisá-la, em razão do seu registro exclusivamente em crioulo guineense. Para além da música, o universo da oralidade, como um todo, também se encontra impregnado das falas do líder guineense. Adivinhas, contos, provérbios e

ditos estão registrados na memória coletiva e individual, em poucos documentos escritos e em línguas nacionais, além do crioulo.

A barreira que se levanta para nós, provavelmente, foi a razão que levou Manuel Ferreira a classificar a literatura guineense como escassa e tardia (ver Ferreira, 1999). No entanto, o vazio aludido por Ferreira, na verdade, deriva do descompasso entre o tempo de escrita e o tempo de publicação, debatido por Bispo (2014), segundo quem:

Há um descompasso entre o período da produção poética e a publicação das obras. Uma das razões para isso nos é revelada pelo ficcionista Abdulai Sila, em entrevista a Fernanda Cavacas, que declara não existir, até 1993, liberdade de expressão, o que impossibilitou a emergência de obras que depusessem contra o governo vigente, por exemplo. (p. 85)

Dessa forma, observa-se que a baixa quantidade de publicações tem razões derivadas tanto do sistema colonial, pela falta de escolas, quanto da administração pós-independência, em função da censura.

A seleção de escritores que têm lugar neste texto publicou já após a declaração de independência, contudo, às vezes, a mesma obra literária contém reações a momentos diferentes da história do país. Nas palavras de Bispo (2014),

Num percurso semelhante ao percorrido por Angola e Moçambique, há uma produção ligada à luta pela independência, conscientização da população acerca dos valores africanos, euforia pelo fim da colonização e, posteriormente, a distopia – momento em que se evidencia que o discurso que embalara a luta não se tornara prática política. Contudo, na Guiné-Bissau, o baixo número de publicações e o pequeno número de escritores nos fazem ver na mesma obra essas diferentes fases. (p. 86)

Ainda assim, os ideais de Amílcar Cabral se fazem presentes. Todavia, os diferentes tempos de escrita dialogam de modo igualmente diferenciados com o pensamento do líder guineense.

Unidade e luta

Um dos fundamentos mais essenciais dentre os conceitos difundidos por Amílcar Cabral é a ideia de Unidade e Luta. O princípio “Unidade e luta” é lema do PAIGC e permanece, até hoje, no escudo do partido. As duas palavras aliadas ganham definição específica no discurso cabralino. Interessa-nos, especialmente, o conceito de unidade, pois é esse mais evidente no *corpus* selecionado.

Para Cabral, unidade é mais do que uma ideia estática. Sua percepção é a de que a unidade precisa ser um movimento, como um organismo no qual partes diferentes

cooperam para que o todo funcione. Se considerarmos a luta pela independência, podemos de antemão notar que a unidade necessária para vencer os portugueses se deu em torno de Cabral, uma vez que há hoje dois países independentes entre si, enquanto à época da independência formavam uma unidade. Vale registrar que a ideia de união entre Guiné-Bissau e Cabo Verde é recorrente não apenas nos textos do líder revolucionário,⁵ mas também é facilmente encontrada nos poemas das primeiras antologias guineenses. Além disso, as mais de quinze etnias que formam a Guiné-Bissau também compartilharam o sonho derivado da luta.

A primeira antologia da Guiné-Bissau, intitulada *Mantinhas para Quem Luta!*, repete, por meio de vários autores, a ideia da unidade, nos moldes cabralinos:

Unidade e luta. Unidade para lutarmos contra os colonialistas e luta para realizarmos a nossa unidade, para construirmos a nossa terra como deve ser. [...] nós temos que realizar este princípio em três planos fundamentais: Na Guiné, em Cabo Verde e na Guiné e Cabo Verde. (Cabral, 2013, p. 142)

A noção de unidade nacional, envolvendo as regiões que hoje formam dois países independentes, foi propalada e assumida pela primeira publicação do país recém-independente: *Mantinhas para Quem Luta!* (1977). O livro de 1977 traz versos como “No canteiro livre / Da Guiné e Cabo Verde” (Conselho Nacional de Cultura, 1977, p. 10), “Somos a juventude / Da Guiné e Cabo Verde” (p. 17), ambos de Augusto Agnelo Regalla, “Na Pátria livre da Guiné e Cabo Verde”, de Hélder Proença (p. 47), “Por uma Guiné e Cabo Verde voltados para o progresso”, de Nagib Said (p. 83). A publicação de quatro anos após a independência deixa clara a ideia de unidade política.

Além da unidade para conquistar a vitória na luta contra a colonização e a unidade de propósito fundindo Guiné e Cabo Verde, a fala de Cabral amplia a noção de Unidade tanto às demais colônias portuguesas, bem como a todo o continente africano. Cabral é contumaz ao afirmar que a África não pode ser independente enquanto ainda houver um país sob dominação colonial (ver Cabral, 2013, p. 151). De maneira exemplar, ele afirma:

A realidade da nossa luta faz parte da realidade da luta das colônias portuguesas, quer nós queiramos ou não [...]. Nós podemos lutar em todas as colônias portuguesas e até ganhar a nossa independência, mas se o racismo continuar na África do Sul, com o colonialista a mandar ainda, directa ou indirectamente, em muitas terras de África, não podemos acreditar numa independência a sério em África. (p. 157)

⁵ A ideia de unidade entre Guiné e Cabo Verde encontrava empecilhos frente ao real. Dentre as razões para tal, havia o fato de os cabo-verdianos serem entendidos como agentes do colonialismo pelos guineenses.

A mesma antologia evoca, em diversos trechos, por meio dos seus diferentes poetas, a tal noção de unidade africana, como se nota nos seguintes excertos: “Mantinhas... são mantinhas / Tenhas ou não participado”, de Tony Tcheka (Conselho Nacional de Cultura, 1977, p. 31), “Este homem que continuará a lutar / Enquanto existir na África / A exploração / O racismo / O apartheid / O neocolonialismo”, de Justino Nunes Monteiro (p. 73). Felix Sigá, na obra *O Arqueólogo da Calçada*, de 1996, declara “Ao preço salubre / do suor e do sangue / Somos / Africanos / em África / e nas Américas” (Sigá, 1996, p. 15).

A primeira antologia do país ainda alude especificamente a Angola e à África do Sul. Agostinho Neto, líder revolucionário de Angola, é diretamente homenageado num poema cujo título contém seu nome de autoria de António Cabral, que diz “Os teus poemas / ‘Adeus à hora da largada’ / ‘Havemos de voltar’ / Não são utopias / São certezas / Já voltaram / E içarão a vossa bandeira” (Conselho Nacional de Cultura, 1977, p. 19). O escritor Tomás Paquete, por sua vez, retoma o combate ao racismo e a necessidade de constante luta mencionada por Cabral no poema “A Soweto”, que diz “O Homem de / Soweto trabalha... / Nos jardins... (não-públicos), / Embalando (que ironia), / Contra as leis / Do ‘Apartheid’” (Conselho Nacional de Cultura, 1977, p. 95).

As publicações contemporâneas à independência revelam a prevalência da unidade, contudo o passar do tempo faz emergir a profecia de Cabral quanto aos perigos de não cultivar a união. Para ele, a fragilidade da unidade já se configurava como uma possibilidade, em suas palavras:

Quer dizer que o problema da unidade surge na nossa terra, repito, não por causa da necessidade de juntar pessoas com situação econômica diferente, apesar de essa diferença não ser tão grande como noutras terras que possuem uma situação social e culturas diferentes, incluindo a religião. (Cabral, 2013, p. 140)

A iminência do esfacelamento da unidade, bem como a razão para tal ruptura estão presentes nos discursos cabralinos recorrentemente. Três anos antes do Seminário de Quadros do PAIGC, Cabral já anunciara a sua tese acerca do suicídio da pequena burguesia nacional, em Havana, por ocasião da Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da África, da Ásia e da América Latina, em 1966. Nesse discurso, Amílcar Cabral defendia que à pequena burguesia nacional cabia ter maior consciência revolucionária a fim de não reproduzir as opressões coloniais em tempos pós-independência. Dessa forma,

para desempenhar cabalmente o papel que lhe cabe na luta de libertação nacional, a pequena burguesia revolucionária deve ser capaz de suicidar-se como classe, para ressuscitar na condição de trabalhador revolucionário, inteiramente identificado com as aspirações mais pro-

fundas do povo a que pertence. (Cabral, como citado em Duarte Silva, 2008, p. 200)

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa tese de Cabral ficcionalizado na literatura guineense é, certamente, a relação afetiva entre Daniel e Ruth, protagonistas do romance *Eterna Paixão* (1994/2002),⁶ de Abdulai Sila. Daniel, um afro-americano empenhado em ajudar a reconstrução de um país da África não nomeado, é um sujeito consciente da ideia de unidade defendida por Cabral. Para ele, buscar sua paixão retornando à terra de seus antepassados a fim de reestabelecer ali uma nova realidade é a principal meta de vida. Daniel é eficiente quanto à práxis, a personagem desenvolve uma tese a fim de terminar com a seca, observando o método de cultivo dos antigos egípcios em torno do rio Nilo. Após uma série de entraves e no intento de dar sentido à sua vida, Daniel abandona o emprego e a casa onde vivia na capital e se radica no interior, colaborando para o desenvolvimento de um pequeno vilarejo ficcional chamado Woyowayan.

Antes de vivenciar sua “eterna paixão”, Daniel fora casado com Ruth, a africana por quem se apaixonara ainda nos Estados Unidos. O processo de desencanto do casamento mescla uma traição que, primeiramente, é ideológica, para depois tornar-se afetiva. Ruth, que quando jovem compartilhava dos mesmos ideais do marido, pouco a pouco afastara-se das ideias de igualdade. Tornara-se uma versão nacional da patroa colonial, além disso usava seu cargo de alto escalão no governo para benefício próprio, sendo recebedora de subornos para aprovação de projetos, por vezes ilícitos. Antes de consumir-se a traição sexual, por meio do triângulo amoroso formado por Daniel, Ruth e David, Ruth trai Daniel afastando-se do que os havia unido. A personagem é construída para ser o exemplo perfeito da tese de Cabral, uma vez que Ruth não se suicida como membro da classe pequeno-burguesa, mas reproduz o comportamento da elite colonial.⁷

A escritora Odete Semedo também ficcionaliza a falta de unidade e a corrupção em sua obra. Neste momento, trataremos do cantopoema *No Fundo do Canto*, de 2003, que metaforiza a ruptura da unidade. O livro se configura num “documento do horror” e é motivado pela guerra que assolou a Guiné-Bissau de 7 de junho de 1998 a 7 de maio de 1999. Tal fato histórico terminou com a deposição do presidente João Bernardo “Nino” Vieira e destruiu diversos espaços sociais e culturais da capital, além de provocar o deslocamento da população para as cidades interioranas ou para o exterior do país. O livro de Odete Semedo reúne uma série de poemas, organiza-

⁶ O romance *Eterna Paixão*, de Abdulai Sila, foi publicado em Bissau, em 1994. Neste texto, utilizamos a edição cabo-verdiana, lançada em 2002.

⁷ A traição à tese do suicídio da pequena burguesia nacional metaforizada no casamento de Ruth e Daniel já fora por nós discutida em Bispo (2013) e Bispo (2015) e não a aprofundaremos aqui.

dos a construir uma epopeia trágica que metaforiza o triste momento histórico da Guiné-Bissau.

Ao longo da coletânea de poemas que, unidos, formam uma unidade temático-narrativa, Odete Semedo fragmenta o nome Guiné-Bissau, transformando as duas partes do nome em personagens em conflito. Versos como “Bissau é um enigma / Guiné um mistério / mergulhada numa profunda angústia” (O. Semedo, 2007, p. 54) revelam não apenas a construção discursiva da discórdia real, mas também a divisão em oposição à unidade. A tomada do nome Guiné-Bissau colocado em lados opostos, como duas figuras distintas, metaforiza a “guerra / entre irmãos” (p. 26).

O poema “Longe de Casa”, que integra a coletânea, dialoga com a ideia de investimento e retorno existente tanto em Cabral, quanto no romance *Eterna Paixão*, de Abdulai Sila. Se temos, ficcionalizado em Daniel, protagonista do primeiro romance guineense, a noção da teoria pan-africana tornando-se prática, o poema de Semedo denuncia o abandono da terra natal. A primeira estrofe, que diz:

Na terra longe
Tão longe de casa
Os nossos irmãos
Não queriam ouvir falar
Da miséria
Vestiram de segredo a sua desgraça
Na terra prometida
(O. Semedo, 2007, p. 45)

desvela o movimento de rejeição da terra natal advindo daqueles que partiram, em especial os que emigraram para melhorar a formação. Segundo Amílcar Cabral, “o nosso Partido preparou filhos da nossa terra para mobilizar o povo da nossa terra” (Cabral, 2013, p. 187), sendo assim, o comportamento emergente das linhas de Semedo segue na contramão da iniciativa do PAIGC, cujo intento era ver enviar os filhos da terra para se formarem no exterior, a fim de que os mesmos retornassem com vistas a reconstruir o país.

Semedo aprofunda a crítica ao dizer ainda que “O *djunta mon* / Da reconstrução / Caiu em desuso / Hoje apenas um selo / Celebra / A epopeia nacional” (O. Semedo, 2007, p. 46). A escritora não se limita a tratar da negação da terra, mas é também explícita ao mostrar que há perda na convicção política. A expressão “caiu em desuso” faz transparecer a sensação de antiguidade que o “*djunta mon* / da reconstrução” traz. Segundo o poema, para o sujeito que está na “terra longe”, o discurso da luta pela independência não faz mais sentido algum, tampouco a ideia de coletividade inerente ao mesmo. Fica patente, na leitura do poema, que os valores

relativos à luta coletiva, que subjazem o conceito de pan-africanismo – movimento do qual Cabral é um dos expoentes –, são ignorados tanto pela modernidade, quanto pelas novas gerações. Ou seja, o desenvolvimento em cuja direção se segue abandona os princípios de unidade e luta.

Partir da realidade da nossa terra. Ser realista.

Tendo debatido a relevância do lema “Unidade e luta”, queremos dedicar esta segunda parte ao princípio “Partir da realidade da nossa terra. Ser realista”. Esse lema pode soar, a princípio, simplório e óbvio, contudo não o é. É observável a reincidente tentativa de replicar modelos educacionais, culturais, políticos e/ou econômicos de uma região a outra do globo, com poucas, raras e escassas adaptações. Igualmente observável é também o fracasso de tais tentativas. Para Cabral, a luta de libertação, bem como a construção da nova nação independente não poderiam derivar da cópia de uma outra luta, mas deveria observar e considerar as características locais. Nas palavras do líder revolucionário,

Não podemos pretender, por exemplo, organizar nosso Partido de acordo com os partidos da França ou de qualquer país da Europa, ou mesmo da Ásia, com a mesma forma de Partido. Começamos um bocado assim, mas aos poucos tivemos que mudar para nos adaptarmos à realidade concreta da nossa terra. [...] Assim, tínhamos que adaptar a nossa luta a condições diferentes, à nossa terra, e não fazer como se fez noutras terras. (Cabral, 2013, p. 154)

E completa o pensamento identificando as realidades que precisam ser consideradas:

Para desenvolvermos a nossa luta tivemos que considerar a realidade geográfica da nossa terra, a sua realidade histórica, a sua realidade étnica, quer dizer, de raças, de culturas; a realidade econômica, social e cultural. E tudo isso envolvido pela realidade maior da nossa terra, no plano da luta, que é a realidade política, quer dizer: nós estamos sob a dominação colonial portuguesa, tanto na Guiné como em Cabo Verde. (Cabral, 2013, p. 158)

Dessa forma, Amílcar Cabral lança luz sobre um debate que tem a ver com a peculiaridade do combate bélico que se empreende contra o colonizador, revela seu conhecimento sobre os múltiplos espaços étnicos de Cabo Verde e Guiné, mas também dá conta dos elementos culturais que precisam ser respeitados, justamente porque caracterizam o seu povo e porque Cabral considera a cultura a arma maior de resistência ao colonialismo.

O reconhecimento da pluralidade étnico-cultural do povo guineense, bem como a assunção deste traço como uma característica positiva é uma tônica na produção literária do país. Rui Jorge Semedo, na obra *Sem Intenção: Poesia e Crítica Literária*

(2013), traz a ideia de coletividade e diversidade como síntese do ser guineense. O poema “*Guinendadi*”, grafado com “i”, ao final, marcando a ortografia em crioulo guineense, relaciona a diversidade e a igualdade, como podemos observar nos versos a seguir:

Sou tudo e muito mais...
 o pedaço desta terra,
 a língua destas etnias,
 o rio deste chão,
 o sentimento deste povo...
 Sim sou...
 sou gente da minha terra
 manjaco,
 fula, balanta, mandinga, papel
 mancanha, felupe, bijagó
 beafada, nalu,
 Sou *burmedju* e sou desta terra...
 (R. J. Semedo, 2013, p. 29)

O poema caminha no sentido de exprimir que ser guineense implica ser plural. Desde o primeiro verso, “Sou tudo e muito mais...” e a recorrência do verbo “ser” na primeira pessoa do singular, fica evidente a tentativa de reunir em um sujeito – esse dotado da *guinendadi* – os traços múltiplos que o caracterizam, sejam linguísticos, étnicos ou geográficos.

No âmbito da pluralidade idiomática, o título faz a opção pela língua guineense (ou crioulo guineense); contudo, logo na primeira estrofe, o sujeito poético identifica-se com o multilinguismo no sintagma “a língua destas etnias”. Rui Jorge Semedo não está sozinho neste debate. Em um famoso poema, Odete Semedo, em seu primeiro livro *Entre o Ser e o Amar* (1996), questiona “Em que língua escrever / As declarações de amor? / Em que língua cantar / As histórias que ouvi contar? [...] Falarei em crioulo? Falarei em crioulo! / Mas que sinais deixar / Aos netos deste século? / [...] Deixarei o recado [...] Nesta língua lusa / Que mal entendo” (O. Semedo, 1996, p. 11). Em outro contexto, Amílcar Cabral declarou que “o português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram” (Cabral, 1976/1990, p. 59). O fato é que o idioma é um traço de cultura que exprime como uma determinada comunidade compreende o mundo. O linguista Mattoso Câmara Júnior ensina que:

A língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento; é um resultado de uma cultura global. Ora, isso não acontece necessariamente com os outros aspectos da cultura: em cada um deles

se refletem outros (as concepções religiosas na arte, a arte na indústria e assim por diante), mas nenhum deles existe para expressar todos os outros. [...]

Assim a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. (Câmara Jr., 1955, pp. 53-54)

Se, para Mattoso Câmara Júnior, o surgimento de uma língua abarca concepções de mundo que existem antes da linguagem, o fenômeno da colonização desencadeia uma situação de hibridez que insere um dado novo na acepção linguística estruturalista. Amílcar Cabral, por sua vez, entende a adoção da língua portuguesa como um mero instrumento:

para nós tanto faz usar o português, como o russo, como o francês, como o inglês, desde que nos sirva, como tanto faz usar tratores dos russos, dos ingleses, dos americanos, etc., desde que tomando a independência, nos sirva para lavrar a terra. (Cabral, 1990, p. 61)

A poesia segue na contramão da instrumentalidade apresentada por Cabral, revelando um posicionamento político nas opções linguísticas que realiza. Há na produção literária o reconhecimento da lógica de poder presente na imposição cultural lusitana, por meio do sistema colonial, que realiza a escolarização exclusivamente na língua da metrópole, além de compreender as línguas nativas como bárbaras e ausentes de cultura. Sendo assim, o movimento de reconhecer e inserir não só as línguas nativas, mas também seus traços étnicos na definição do sujeito poético completa o caminho anticolonial, no pós-independência, de modo a lançar claramente as estacas identitárias na pluralidade cultural guineense, marcada pela relação horizontal entre os povos locais.

Em Rui Jorge Semedo, por exemplo, o sujeito poético lista etnias nacionais e insere o mestiço (“*burmedju*” / vermelho) como componentes étnicos. Há o reconhecimento das línguas e das heranças locais, no entanto, o texto é escrito em português. Associamos tal opção à mesma conclusão poética apresentada por Odete Semedo em poema já mencionado; como também ao pensamento cabralino, que defendia o uso do português ao lado do crioulo.

Se por um lado, Cabral entendia o reconhecimento da realidade da terra como o principal ponto de partida, por outro lado, ele não se limita à tarefa de se colocar passivamente diante da realidade de sua terra. Seu movimento também era ativo. Ao mesmo tempo em que o discurso visa a preservar as características físicas e culturais da população, Cabral também acredita que o homem consciente identifica a realidade que precisa ser mudada e caminha em direção a isso. No discurso durante o Seminário de Quadros do PAIGC, em 1969, Amílcar é categórico ao defender que:

O homem é parte da realidade, a realidade existe independentemente da vontade do homem, e o homem, na medida em que adquire consciência da realidade, na medida em que a realidade influencia a sua consciência, cria a sua consciência, ele pode adquirir a possibilidade de transformar a realidade a pouco e pouco. (Cabral, 2013, p. 153)

A parcela da realidade que pode ser modificada apontada por Cabral tem a ver com a pobreza, a exclusão social e a escolarização. Sendo assim, observa-se que o princípio cabralino está intimamente associado ao lema “O nosso Partido e a luta devem ser dirigidos pelos melhores filhos do nosso povo”. A excelência buscada por Cabral deriva da ideia de “homem novo”, aquele é que forjado pela formação política e cuja teoria ganha corpo na prática. Em suas palavras,

A luta não é conversa nem palavras, nem escrita nem falada; a luta é a acção de cada dia contra nós mesmos e contra o inimigo, acção que se transforma e cresce cada dia mais, até tomar todas as formas necessárias para correr com os colonialistas portugueses da nossa terra. (Cabral, 2013, p. 173)

Abdulai Sila é singular na discussão acerca da necessidade de modificação da realidade a fim de garantir o mínimo a todos. *Eterna Paixão*, o romance do autor que já mencionamos anteriormente, é uma das melhores expressões ficcionais no que diz respeito à mudança de realidade. Daniel, o protagonista, não possui apenas o desejo de transformar a realidade africana, mas também torna seu plano uma prática. O último capítulo do livro – não gratuitamente intitulado “Esperança” – enuncia a nova trajetória do protagonista:

A verdade é que muitas estações de chuva se passaram e com elas muita coisa tinha mudado. Entre a mudança havia a de um professor que um dia chegara a uma tabanca chamada Woyowayan, situada longe da capital, na companhia de uma senhora que depois se fora e o deixara ficar na sua morança.

[...]

O povo acabou por aceitá-lo no seu seio e integrá-lo na comunidade.

Aprendeu com espantosa facilidade a língua e os costumes. Escrupulosamente, respeitava as tradições e os anciãos. Cedo conquistou o respeito dos adultos e o coração das crianças.

A escola foi o primeiro empreendimento. Encheu-a de crianças e adolescentes. O clube da juventude foi o passo seguinte. Foi um grande êxito. Depois foi a cooperativa dos agricultores e falou-se num tractor. E a máquina chegou antes que pudessem acreditar na ideia.

Seguiram-se outras realizações. A vida em Woyowayan mudou. Mudou profundamente. (Sila, 2002, p. 301)

A conclusão do romance narra a ida do protagonista para o interior do país. Lá, Daniel se esvazia dos hábitos ocidentais, adota a língua e os costumes locais. No entanto, como Cabral denunciara não basta reconhecer a realidade, é preciso modificá-la, respeitando-a. Sendo assim, a personagem ficcional é o veículo que moderniza a comunidade de Woyowayan garantindo a subsistência da população local, a segurança alimentar, acesso à educação e entrelaçamento entre tradição e modernidade. O narrador é enfático em declarar o quanto Woyowayan era um exemplo real de uma nova via para um real desenvolvimento (ver Sila, 2002, p. 302). As poucas páginas que descrevem os sete anos de trabalho de Daniel na aldeia reiteradamente revelam a presença do povo nativo em seus hábitos para a construção de um novo modelo de produção. O currículo escolar de História ganha destaque na narrativa, por conter História da África, o que o diferenciava “das restantes escolas do país” (p. 303).

A construção do personagem Daniel reafirma nossa hipótese inicial de que Amílcar Cabral inunda o imaginário do guineense, de forma especial fazendo seus discursos e práticas emergirem no espaço literário. A práxis desenvolvida em *Eterna Paixão* responde a diversos anseios presentes nas falas cabralinas. Ainda tratando sobre o lema “Partir da realidade da nossa terra. Ser realistas”, o líder revolucionário afirma:

Todos vocês conhecem qual é a realidade social da nossa terra, a desgraça da exploração colonialista. Mas não sejamos tão acusadores dos colonialistas. Desgraça também da exploração da nossa gente pela nossa gente. [...] uma parte do sofrimento do nosso povo estava nas mãos da nossa própria gente. Isso não podemos esquecer de maneira nenhuma, para podermos saber o que é que vamos fazer no futuro. (Cabral, 2013, p. 162)

Dessa forma, nota-se que é imprescindível realizar o movimento inicial feito por Daniel. Despir-se das roupas ocidentais, que na exegese é uma ação literal, ganha novas significações metafóricas, sinalizando para a horizontalidade das relações necessárias para a construção do “sonho de uma África próspera” (Sila, 2002, p. 309).

A troca que se faz de paradigmas no desenvolvimento de Woyowayan também é uma mudança paradigmática nas relações sociais. Se o modelo colonial colaborava para a reprodução de opressões causando “sofrimento do nosso povo” “nas mãos da nossa própria gente”, o primeiro passo, segundo Cabral, era reconhecer essa situação. O passo dado na ficção projeta um futuro utópico, que não sabemos ser possível, mas dá a esperança a qualquer um de nós “os que recusamos viver no arame

farjado, nós os que recusamos o mundo dos patrões e dos criados, nós os que queremos o mel para todos” (Pepetela, 2013, p. 86).

Considerações finais

Neste texto, tentamos investigar o quanto Amílcar Cabral permanece no imaginário guineense por meio da literatura. Para tanto, nos valem da observação de dois dos princípios enunciados pelo líder revolucionário no Seminário de Quadros do PAIGC, em 1969, a saber: “Unidade e luta” e “Partir da realidade da nossa terra. Ser realistas”.

O primeiro princípio discute o papel da luta de independência no âmbito das lutas contra diferentes opressões ao redor do mundo e o quanto elas se relacionam. Na literatura, tal princípio se manifesta de forma ampla na noção de unidade existente entre Guiné e Cabo Verde. São exemplares os poemas reunidos na antologia *Mantidas para Quem Luta!* (1977) e os poemas de Félix Sigá (1996), nos quais fica patente o espírito pan-africanista.

Discutimos também a fragilidade da unidade requerida por Cabral com o romance *Eterna Paixão*, de Abdulai Sila, e o livro *No Fundo do Canto*, de Odete Semedo. Tal fragilidade se desenvolve no âmbito da sobreposição das individualidades, frente à coletividade. Sila desenvolve um projeto literário ao redor disso. Tratamos, neste texto, de Daniel, personagem que ficcionaliza a construção de um novo país, ao observar os discursos cabralinos, que não estão explícitos no romance, mas são perceptíveis ao leitor atento. É esse personagem quem melhor sintetiza também o segundo princípio explorado neste texto.

Além do romance de Abdulai Sila, debatemos a poesia de Rui Jorge Semedo e de Odete Semedo, poetas em quem a identidade guineense é reconhecida e assumida como plural, seja cultural quanto linguisticamente. Ambos os poetas realizam o movimento de mergulhar nos elementos nativos de sua terra, o fazendo em língua portuguesa, por entenderem-se como híbridos culturais. A adoção do português como idioma poético não se dá por assunção do lugar de colonizado, mas ocorre na compreensão de que a língua pode ser o veículo de proclamação de uma nova narrativa, que se contrapõe ao colonizador.

Enfim, Cabral vive, seja para denunciar, seja para celebrar, seja para ensinar. Amílcar Cabral vive por meio da memória de sua teoria e prática e a produção literária guineense prova isso.

Referências bibliográficas

Augel, M. P. (1998). *A nova literatura da Guiné-Bissau*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP).

- Augel, M. P. (2007). *O desafio do escombros: Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Garamond.
- Bakhtin, M. (2010). *Problemas da poética de Dostoiévski* (5ª ed., P. Bezerra, Trad.). Forense Universitária. (Obra original publicada em 1929)
- Bispo, E. (2013). *Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Bispo, E. (2014). Trilhas e rumos das letras guineenses. *Revista Signótica*, 26(1), 81-104.
- Bispo, E. (2015). Ecos de Amílcar Cabral na ficção de Abdulai Sila. Em M. Brito-Semedo, E. J. T. Feijó, R. B. Vázquez, & R. Samartim (Org.), *Estudos da AIL em literaturas e culturas africanas de língua portuguesa* (pp. 29-36). AIL Editora.
- Cabral, A. (1990). A questão da língua. *Revista Papia*, 1, pp. 59-61. <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1916> (Obra original publicada em 1976)
- Cabral, A. (2013). *Obras escolhidas. Unidade e luta: Arma da teoria* (vol. 1). M. Andrade (Org.). Fundação Amílcar Cabral.
- Câmara Jr., J. M. (1955). Língua e Cultura. *Revista Letras*, 4, pp. 51-59.
- Conselho Nacional de Cultura (Org.). (1977). *Mantenhas para quem luta! A nova poesia da Guiné-Bissau*. Conselho Nacional de Cultura.
- Duarte Silva, A. E. (Org.). (2008). *Amílcar Cabral: Documentário* (Textos políticos e culturais). Edições Cotovia.
- Ferreira, M. (1999). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Ática.
- Kristeva, J. (2012). *Introdução à semiótica* (3ª ed., L. H. F. Ferraz, Trad.). Perspectiva. (Obra original publicada em 1969)
- Lopes, C. (Org.). (2012). *Desafios contemporâneos da África: O legado de Amílcar Cabral*. Unesp.
- Paulino, G., Walty, I. L. C., & Cury, M. Z. F. (1998). *Intertextualidades: Teoria e prática* (4ª ed.). Editora Lê.
- Pepetela. (2013). *As aventuras de Ngunga*. Nandyala.
- Samoyault, T. (2008). *A intertextualidade* (S. Nitrini, Trad.). Aderaldo & Rothschild.
- Semedo, O. (1996). *Entre o ser e o amar*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP).
- Semedo, O. (2007). *No fundo do canto*. Nandyala. (Obra original publicada em 2003)
- Semedo, R. J. (2013). *Sem intenção: Poesia e crítica literária*. Corubal.
- Sigá, F. (1996). *Arqueólogo da calçada*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP).

Sila, A. (1994). *Eterna paixão*. Ku Si Mon Editora.

Sila, A. (2002). Eterna paixão. In *Mistida (trilogia)*, pp. 173-315. Centro Cultural Português Praia-Mindelo.

Tcheka, T. (1996). *Noites de insónia na terra adormecida*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP).

Tcheka, T. (2008). *Guiné, sabura que dói*. União Nacional dos Escritores e Artistas Santomenses (UNEAS).